que uma tipologia dessa instituição está de acôrdo com o espírito da reforma concebida numa conjuntura política — a guerra contra os árabes — de onde deriva a alocação de terras militares aos *stratiotes,* um contrôle rigoroso sôbre a administração provincial e a criação de um exército "nacional" eficaz. Por outro lado, o Autor demonstra que o presumido "*thema* dos Caravisianos" existiu entre 641 e 732, sòmente como comando unificado da frota bizantina.

Um primeiro período da história da marinha bizantina termina com o XI século, momento crucial em que começa a oposição de Bizâncio com o Ocidente, e onde os fatôres exógenos se unem aos fatôres endógenos e determinam uma brusca parada do poderio marítimo do Império. O Autor tenta, na sua preocupação de uma história explicativa e não descritiva, ligar o fator marítimo da desagregação do Império aos fenômenos mais profundos da economia e de lhe dar suas justas proporções.

E. S. P.

*
* *

MAURO (Frédéric). — *Le XVIe siècle européen. Aspects économiques.* Paris. Presses Universitaires de France. Coleção "Nouvelle Clio". 1 volume de 13,5 x 18 cm. 392 páginas, 14 mapas e gráficos.

Após ter apresentado uma bibliografia com 1739 títulos, classificados por país, o Autor, na sua segunda parte, se esforça para mostrar porquê e como a oferta e a procura aumentaram de maneira revolucionária na época do Renascimento e o que disso resultou para o mecanismo dos preços, do pensamento e da política econômica. Aproveitou, para isso, bons trabalhos de ordem quantitativa, realizados por historiadores europeus, em particular nos últimos 30 anos. Aliás a mutação do XVI século é mais quantitativa que qualificativa e tudo que ela realizou já estava em embrião no século precedente.

Na sua terceira parte, Frédéric Mauro, após ter abordado algumas grandes discussões de método, tenta esclarecer o crescimento do século XVI à luz das teorias econômicas do XIX e XX século. Em seguida, tenta relacionar a economia com a civilização, isto é, com a política, a religião e a arte. Enfim, lembra a importância da etnologia e da psicologia econômicas, assim como tinha, desde o início do seu livro, insistido sôbre o valor da geografia. Cuida, pois, nessa obra como nas precedentes, em colocar as ciências sociais do presente ao serviço do conhecimento do passado para tornar êste útil aos homens dos nossos dias.

E. S. P.

*
* *

VERA (J. Ceverio de). — *Viaje de la Tierra Santa* (1596), Edición, introducción y notas por Concepción Martinez Figueroa y Elias Serra Rafols, Biblioteca de Autores Canarios, Instituto de Estudios Canarios, La Laguna, 1964. XIV + 202 págs, in 8º.

A primeira edição desta obra foi feita em Roma em 1596, na casa de Nicolas Múcio, a segunda em Madrid, em1597, por Luís Sanches, e uma terceira e quarta

em Pamplona, em 1598 e 1613, respectivamente. Livro semelhante ao do Frei Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Sancta e suas Particularidades,* editado em Lisboa em 1583, por sua vez cheio de interêsse, naquele agradável estilo e correta linguagem dos bons escritores de viagem da época, superior, neste sentido, ao seu contemporâneo espanhol.

O livro de Juan Ceverio de Vera foi agora editado para a Biblioteca de Autores Canários, sendo o primeiro de uma série em que

> "se dará a conhecer textos literários e históricos da autoria de naturais das Ilhas Canárias, em edições cuidadosamente revistas, sôbre os manuscritos ou sôbre os textos originais, com introdução histórica e crítica e com notas explicativas".

Juan Ceverio de Vera nasceu nas Canárias na primeira metade do século XVI e morreu em Lisboa em 1605. Descendia de Pedro de Vera, que terminou a conquista daquelas ilhas em 1483. Até os 40 anos, andou Juan Ceverio viajando pela América, a serviço de Espanha, como soldado. Voltando a sua pátria, distribuiu seus bens entre os pobres e fêz-se sacerdote, partindo aos 50 anos para Roma, onde veio a ser acólito de Clemente VIII. Em Málaga publicou, em 1605, pouco antes de sua morte, um *Dialogo contra las comedias que hoy se usan en España*. Mas o livro que o tornou conhecido foi êste que em boa hora se reedita, enriquecido de muitas notas interessantes e elucidativas (págs. 163-202).

No Prólogo, o Autor indica a principal razão de seu trabalho: a de libertar o verdadeiro cristão espanhol do temor que se generalizara de peregrinar a Jerusalém. Diz o Autor:

> "... quise servirle con este copioso viaje, para que, sabiendo su seguridad, pierdan el temor, y vayan muchos españoles ... a dar las gracias a la Majestad de Dios en el santisimo sepulcro de su hijo..." (pág. 8).

Outras foram, porém, as causas ocasionais de sua decisão de peregrinar à Terra Santa: o ter ficado

> "mal contento de ver cómo pasaban las cosas en aquella gran Corte, determiné (diz êle) volverme a España y porque cansado deseaba quietud",

e, tendo passado, nesse estado de espírito, algumas horas a ler um livro italiano sôbre peregrinações a Jerusalém, se decidiu a fazer voto de peregrino, e obteve licença do Pontífice. Não é difícil conjecturar que coisas se passariam na côrte papal que tanto desagradaram a de Vera. Poderiam ser de caráter político ou religioso, ou de ambos. Como se sabe, Clemente VIII prosseguiu na luta iniciada por seu predecessor contra a influência espanhola nas altas esferas eclesiásticas e, por outro lado, o ambiente moral e espiritual do papado daqueles tempos nem mesmo aos católicos agradava, sobretudo se eram bons católicos como o nosso bom autor canário. Como espanhol ou como cristão, o presbítero, algum tempo depois de servir como acólito do Sumo Pontífice, sentiu ganas de voltar à vida tranqüila da Gran Canária ou, como acabou por preferir, enfrentar os perigos de uma viagem por territórios turcos e muçulmanos em demanda de Jerusalém, a conquistar tantas indulgências plenárias quantas lhe fôssem possíveis.

Creio que a mais antiga referência literária que se conhece a viagem por motivos religiosos é a que Hormuzd Rassam descobriu nas portas de bronze de

Balawat, em que se regista a jornada de Shalmanezer II, rei da Assíria, à Babilônia em 851 a. C., passando por Belus e Bossipa, e oferecendo sacrifícios ao deus Nebo. Sabe-se que, 200 anos mais tarde, Assurbanipal dirigiu-se a Arbela a pedir aos deuses proteção contra os elamitas. Na Índia, até hoje, os peregrinos se dirigem a Benares, a mais antiga cidade sagrada do mundo, e a Kapilavastu e Kusanagara, bêrço e túmulo do Buda, respectivamente. A viagem a Meca pelo menos uma vez na vida é um dos pilares do maometismo (*AlCor.*, 3.91). O mesmo Cevério, lamentando o reduzido número de peregrinos cristãos espanhóis à Terra Santa, o que era sintoma, para êle,

> "de la poca devoción de sus provincias de visitar aquellos santisimos lugares, pues siendo tantas y tan grandes, no pasan dellas al año doscientos peregrinos", informa que, "a visitar los huesos del infernal Mahoma, a la ciudad de Lamec (la Meca...) ... pasan al año más de veinte mil peregrinos turcos y Moros, y no solo de cerca sino de quinientas leguas por tierra, y con tanta devoción, que muchos dellos se privan de la vista, mirando de mui cerca una plancha de hierro ardiente hasta que quedan ciegos, diciendo que los ojos que han visto los huesos del Profeta Mahoma, no és justo que vean más cosas del mundo".

No âmbito cristão, só a partir do III século ou final do II se verificaram as peregrinações de caráter semelhante, estando, portanto errado o nosso Autor ao afirmar que

> "en la primitiva iglesia no se tenia por verdadero Cristiano el que no visitaba la ciudad Santa de Jerusalem" (pág. 97).

Já São Jerônimo fala dos abusos de tais viagens com motivos religiosos. Pouco a pouco o sentido das peregrinações se foi transformando até que, na Alta Idade Média, fatôres econômicos e políticos concorriam tanto como os religiosos, e entre êstes prevalecendo o fanatismo e a superstição.

No *Itinerário* com que de Vera termina seu livro, faz-se referência a determinada importância em dinheiro que era preciso levar consigo para fazer face não só às necessidades comuns numa viagem tão longa, mas também para satisfazer às exigências das taxas cobradas principalmente pelos turcos que dominavam a maior parte das rotas a seguir. Como se pode imaginar, todo um complexo mecanismo social se desenvolveu em decorrência das constantes peregrinações, incluindo hospedarias, refúgios, hospitais, associações, guias, meios de transporte, câmbio de moedas, documentos, linguagem especial, atitudes mentais e religiosas, em que havia de tudo, desde a mais pura e sincera santidade até ao mais abjeto farisaismo e hipocrisia, amor do dinheiro, luxúria, exploração e opressão.

Ao tempo em que de Vera fêz sua viagem, a oposição protestante disseminava por tôda a parte, menos, é bem verdade, na península ibérica e demais territórios dominados pelo catolicismo, a opinião de que o culto das relíquias e dos lugares santos e o costume das peregrinações por essa causa tinham raízes pagãs e não bíblicas, e muitos católicos também participavam das mesmas idéias, embora nem sempre tão radicais. Obra recente sôbre as peregrinações a Santiago de Compostela (*) cita alguns pregadores católicos que condenavam as peregrinações, e lembra a famosa frase de Tomás à Kempis:

(*). — Luis Vásquez de Parga, José Ma. Lacarra, Juan Uria Rin, *Las Peregrinaciones a Santiago de Compostela*, Madrid, 1948, Tomo I, págs. 112 e segs.

"qui multum peregrinantur raro sanctificantur" (*Imit.* I, xxiii, 4).

Apesar disso, a instituição do cristianismo medieval, embora em decadência, subsistia em pleno Renascimento, quase um século já decorrido desde as Teses de Lutero contra as indulgências, e quase dois desde a publicação da *Imitação de Cristo*. E é preciso reconhecer que, entre os que serviriam de exemplo negativo para confirmar as críticas de J. Huitzinga, e de que se encontram exemplares no próprio livro de Cevério de Vera, alguns eram, como o nosso Autor, homens de grande sensibilidade espiritual e sinceridade de intenções.

A obra de Juan Cevério de Vera oferece grande interêsse aos estudiosos da atmosfera religiosa e econômica da segunda metade do século XVI, quando os turcos lutavam com os Habsburgos, e a Espanha se expandia e tinha de enfrentar dois inimigos formidáveis: os turcos e... o protestantismo. Era o tempo quando o mêdo condicionava o comportamento de um grande número de indivíduos: mêdo da inquisição, mêdo dos turcos. Para tudo o que acima ficou dito acerca da complexidade do mecanismo social que a existência das peregrinações contribuia decisivamente para causar, e que acabava se transformando num círculo vicioso, podem ser encontradas ilustrações curiosas neste livro precioso. Ao longo de seu caminho, vai êste peregrino descrevendo paisagens coloridas, narrando fatos e acontecimentos, alguns cheios de interêsse, a santa casa de nossa Senhora de Loreto, as eleições do duque de Veneza; as lutas entre diferentes raças e nações, os preconceitos religiosos, as curiosidades históricas e geográficas, costumes, instituições, cerimônias, e de quando em quando, nem sempre muito a propósito, retalhos intercalados das reminiscências do Autor entre os índios da América.

Por vêzes ingênuo, por vêzes irônico, o Autor, num estilo ameno e agradável, oferece ao leitor algumas proveitosas horas de prazer intelectual.

JORGE CESAR MOTA

*
* *

VERLINDEN (Charles). — *Les origines de la civilisation atlantique. De la Renaissance à l'Âge des Lumières*. Neuchatel e Paris. A la Baconnière e Albin Michel. 1966. 473 pp.

Esta história do período moderno difere das outras histórias da mesma época porque é antes de mais nada a da zona atlântica e da sua significação na evolução do mundo. Trata da época que vai do início do século XV até às vesperas dos movimentos revolucionários do fim do século XVIII. Em 1415 começa a grande expansão portuguêsa e, no mesmo ano, João Huss, o primeiro grande reformador, é condenado à morte em Constança. Após o Tratado de Paris de 1763, a oposição contra a ordem tradicional aparece inicialmente nos futuros Estados Unidos e ganha em seguida a França. A sociedade, as instituições, a cultura que começaram a se organizar no século XV, se espalham depois nos XVI e XVII através da zona atlântica, sofrem no século XVIII transformações profundas. A crise que se esboça prepara em todo o espaço atlântico um nôvo período. As fundações da civilização atlântica tiveram início na Idade Média na Europa. Atlântica, espe-